

## AO NORDESTE DA FILOSOFIA E A CORUJA NO MANDACARU

## TO THE NORTHEAST OF PHILOSOPHY AND THE OWL ON THE MANDACARU

Cristiane Marinho<sup>1</sup>

Recebido: 08/2019

Aprovado: 11/2019

**Resumo:** O presente texto, *Ao nordeste da filosofia e a coruja no mandacaru*, traz um resgate da tradição do pensamento filosófico nordestino, mostrando os seus momentos iniciais e fundantes e sua adesão aos métodos e objetos filosóficos europeus. Apresenta a sua marca inaugural com o aristotelismo-tomista dos Jesuítas, passa pelo empirismo reformado do Seminário de Olinda, pelo positivismo da Escola do Recife e pelo cientificismo francês da Academia Francesa do Ceará. O objetivo geral deste artigo é questionar, a partir dos dados da tradição do pensamento filosófico nordestino brasileiro, a mera subserviência da repetição dos clássicos e pensar sobre a necessidade de filosofarmos a partir da nossa própria realidade como fez toda a Filosofia.

**Palavras-chave:** Filosofia; Nordeste brasileiro; Ensino de Filosofia; História da Filosofia do Brasil.

**Abstract:** This text, *To the northeast of philosophy and the owl on the mandacaru*, brings out a redemption of the tradition of the northeastern philosophical thought showing the preliminary and founding stages as well as its adherence to European methods and philosophical materials. It shows too its initial milestone with the thomistic- Aristotelianism of the Jesuits, crosses over the renovated empiricism of the Olinda Seminar, the positivism of the School of Recife and the French scientism of Ceará French Academy. The general objective of this article is to question, based on data from the tradition of the philosophical thought of the Brazilian northeast, the mere subservience to the repetition of the classics and about the need to philosophize based on our own reality in the same way Philosophy has done.

**Keywords:** Philosophy; Brazilian northeast; teaching of Philosophy history of Philosophy in Brazil.

### Introdução

Falar da importância do Ensino de Filosofia e seus desafios contemporâneos implica em pensar na tradição do pensamento filosófico educacional, principalmente quando essas questões estão sendo pensadas no Nordeste brasileiro. A importância de um resgate das

---

<sup>1</sup> Professora Associada de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE); professora permanente do Mestrado em Serviço Social (MASS/UECE); mestre em Filosofia (UFPB/UFGM); doutora em Educação (UFC); pós doutora em Filosofia da Educação (UNICAMP); doutoranda em Filosofia (UFG).

principais temáticas da Filosofia na tradição filosófica ocidental se dá em função de podermos pensar a nossa realidade a partir desses referenciais que sempre nortearam nosso pensamento filosófico e, via de regra, submeteram (ou nos submetemos a eles?) nossos pensamentos e ações.

Aqui não há a pretensão de negar a importância da tradição, mas sim questionar a nossa submissão, durante séculos a fio, à uma tradição que, se pretendendo universalista, nos submeteu e nos negou, tentando forjar nosso pensamento à sua imagem e semelhança. O nosso colonialismo, criado e alimentado pela própria tradição, sempre julgou sermos incompetentes para pensarmos em nós próprios ou considerar nossas questões brasileiras como questões filosóficas, como nos mostra Roberto Gomes em seu livro *Crítica da razão tupiniquim*.

Essa problemática se apresenta nesses termos: a realidade brasileira, sendo mero espaço acadêmico de repetição da produção filosófica europeia, sem o aval de competência para pensar a si própria, ou sem o aval de poder pensar, filosoficamente, de forma diferenciada dos parâmetros oficiais europeus. E se essa problemática se insere nesse contexto, mais complicado ainda é dimensionar tal situação no contexto nordestino brasileiro.

A tradição do pensamento filosófico nordestino, resgatada nesse artigo nos seus momentos iniciais e fundantes, também demonstra adesão aos métodos e objetos filosóficos europeus. Deste sua marca inaugural com o aristotelismo-tomista dos Jesuítas, passando pelo empirismo reformado do Seminário de Olinda e pelo positivismo inicial da Escola do Recife, até o cientificismo francês da Academia Francesa do Ceará, temos o assentimento dos moldes filosóficos europeus. Apesar dessas comunidades filosóficas não serem totalmente submissas àquelas matrizes estrangeiras, permanecem ligadas ao seu cordão umbilical.

Dessa forma, seguem os dados da tradição do pensamento filosófico nordestino, referidos acima, compondo a estrutura do presente texto, para que se possa ter um parâmetro de como devemos ou não seguir no nosso fazer filosófico e que também nos sirva de guia para aquilatarmos qual Filosofia e a quem serve filosofar no Nordeste brasileiro. Que nos instigue a pensar se devemos seguir somente repetindo os clássicos ou se devemos filosofar em, na e a partir da nossa própria realidade como fez toda a Filosofia. Que possamos pensar o nordeste brasileiro da mesma forma que Platão pensou sua *Pólis* e como Sócrates falou em sua *Ágora*. Passemos, então, a falar sobre as raízes da Filosofia e do Ensino de Filosofia no Nordeste brasileiro.

## Os Jesuítas e a *Ratio Studiorum*

A primeira grande influência no Ensino de Filosofia no Brasil e, conseqüentemente, no Nordeste, foi a dos Jesuítas, mais especificamente no período que vai de 1599 a 1759 e representa a organização e a consolidação da educação jesuítica baseada no *Ratio Studiorum*. Essa influência será arrefecida no período marcado pelo declínio dos jesuítas e sua expulsão pelas reformas pombalinas, de 1759 a 1808, que inaugurou um período de modernização científica da nossa sociedade.

O *Ratio Studiorum*, plano de estudos da Companhia de Jesus, oferecia um sistema de ensino composto pelos cursos de Humanidades, Filosofia e Teologia e foi fortemente influenciado pelo pensamento filosófico escolástico aristotélico-tomista. Era um código pedagógico composto por 467 regras a serem seguidas por professores, alunos, diretores etc. e que se dividia em orientações por áreas de conhecimento, inclusive a filosofia. Esse plano pedagógico da Igreja católica fazia parte de um plano maior para fazer frente a Contra Reforma, que foi a tentativa católica bem sucedida de retomar o terreno perdido para os protestantes e que se caracterizou como um plano de caráter universalista e elitista.

Dessa forma, no plano elitista de ensino do *Ratio Studiorum* foram suprimidos os estágios iniciais da proposta educacional de Manoel da Nóbrega. Os estudos superiores davam prosseguimento à formação com os cursos de filosofia e teologia, que no Brasil eram limitados à formação dos padres catequistas, tendo prevalecido os chamados estudos de humanidades.

O *Ratio Studiorum*, como método pedagógico dos jesuítas, foi elaborado no final do século XVI, como resultado de outras constituições da Companhia de Jesus, existentes desde 1552 e que regiam outras paróquias jesuítas em diversas partes do mundo. Teve a aprovação de sua forma definitiva nos começos do século XVII e sintetizava a experiência pedagógica dos jesuítas, regulando toda a educação ofertada pelas escolas da Companhia. Seu objetivo mais abrangente e elevado era: “[...] ensinar ao próximo todas as disciplinas convenientes ao nosso Instituto, de modo a levá-lo ao conhecimento e amor do Criador e Redentor nosso”. (Paim, 1984, p. 210).

A matriz filosófica norteadora do *Ratio Studiorum* era aristotélica-tomista. O curso superior de Filosofia, a ser feito em três anos, era subordinado ao de Teologia, a ser realizado em quatro anos, tendo como guia a doutrina tomista. Os estudos de teologia escolástica deveriam seguir, obrigatoriamente, a doutrina de Santo Tomás e os de Filosofia a doutrina de

Aristóteles, das quais os professores também não poderiam fugir.

A obediência à essas matrizes filosóficas permeia todo o código pedagógico jesuítico. Assim, a Filosofia se submete à teologia e lhe serve de auxiliar. O professor deveria ter a formação em teologia para melhor ensinar Filosofia que, por sua vez, deveria também se orientar para ser útil à teologia. Aqueles que fossem rebeldes a essa subserviência não possuiriam um bom perfil para o cargo.

Nas diversas regras do *Ratio Studiorum* é possível perceber que sua matriz filosófica impunha e valorizava uma filosofia pautada na retórica e nas disputas medievais, com apoio na lógica formal aristotélica e na obra tomista. A realidade terrena ficava preterida em função dos estudos sobre os anjos, os sacramentos e a encarnação, em busca do conhecimento e amor do criador. Era uma filosofia voltada para o ensino da doutrina cristã e exercida sob uma forte estrutura hierárquica, com vistas à salvação das almas da danação do inferno.

No Brasil, essa orientação predominou no ensino e nos meios filosóficos por dois séculos, até 1759, data da expulsão dos Jesuítas de Portugal e de suas colônias pelo marquês de Pombal, primeiro ministro de Dom José I. Assim, Severino (1997) afirma que não há dúvida de que a marca do modo metafísico de pensar é profunda na cultura brasileira.

### **Seminário de Olinda**

O Seminário de Olinda se insere no contexto da segunda fase do período colonial relativa às reformas pombalinas (1759-1807), efetuadas a partir da expulsão dos jesuítas de Portugal e do Brasil, pelo Marquês de Pombal. Tais reformas visavam à adequação dos interesses de Portugal e de suas colônias à modernidade europeia. Tratava-se de substituir as ideias religiosas e metafísicas dos jesuítas pelas ideias de cunho mais racionalista e científico, próprias ao Iluminismo, buscando fazer valer as ideias liberais, seculares e democráticas.

As ideias de influência iluminista chegavam a Portugal trazidas pelos portugueses residentes no exterior, chamados de “estrangeirados”. Dentre esses, ressaltamos o nome de Luís Antônio Verney (1713-1792), personagem importante na reforma da educação, para quem o processo educacional precisava se libertar do monopólio jesuítico, cujo ensino se mantinha preso a Aristóteles e resistia aos métodos modernos da Ciência.

Com a expulsão dos jesuítas do Brasil, seus colégios foram substituídos pelas aulas régias, cujo método de estudar era inspirado no viés iluminista, pois o método de estudo jesuítico foi considerado obscuro e distanciado da prática. Inversamente, o novo método

sugerido por Verney era baseado no ensino prático e em coisas úteis, já que a diretriz filosófica presente nas reformas pombalinas da instrução pública era iluminista, empirista e de crítica à Escolástica e baseada no livro epistolar *Verdadeiro método de estudar*, de Verney.

Outro resultado das Reformas Pombalinas foi a Reforma da Universidade, em 1772, em Portugal, com forte influência empirista nos compêndios do filósofo italiano Antônio Genovesi (1713-1769), *Instituições de Lógica*, de 1773 (Paim, 1986). Assim, surge uma nova corrente oficial denominada de *empirismo mitigado*, na qual não interessava a precisão conceitual, mas a valorização do conhecimento experimental e a condenação da metafísica.

No Brasil, as aulas régias funcionavam conjuntamente com seminários e colégios das ordens religiosas. Nesse contexto, destaca-se o Seminário de Olinda, em Pernambuco, que seguia os moldes iluministas dos Estatutos da Universidade de Coimbra. Nele estudavam leigos, religiosos e candidatos aos estudos superiores em Portugal. Por isso, foi representativo na formação intelectual de várias gerações.

O Seminário de Olinda, que orientava seu ensino pelas ideias das reformas pombalinas, foi fundado em 1800, pelo bispo da Igreja Católica Azeredo Coutinho, formado pela Universidade de Coimbra. Contrapunha-se, portanto, às ideias religiosas e, baseado nas ideias laicas inspiradas no Iluminismo, defendia o direcionamento do Estado na educação. Seus estatutos buscavam ensinar não uma ciência universal, mas princípios elementares, adequados tanto aos padres quanto aos leigos para uma formação de cidadãos indagadores da Natureza (Saviani, 2007).

Para Azeredo Coutinho, o padre deveria se formar, simultaneamente, em sacerdote e filósofo da natureza e, por isso, acrescentou aos estudos eclesiásticos os estudos das ciências naturais nos estatutos do Seminário. Acreditava que o filósofo naturalista deveria deixar de ser somente um homem de gabinete para tornar-se um homem prático, complementar e enriquecer o conhecimento limitado do homem silvestre e ignorante, pois: “seria preciso que o habitante das brenhas e dos sertões fosse filósofo ou que o filósofo habitasse as brenhas e os sertões” (Coutinho apud Saviani, 2007, p. 112).

Contudo, politicamente, o resultado obtido na formação dos seus alunos foi contraditório. Apesar de visar ao fortalecimento do reino português unificado sob a bandeira de um déspota esclarecido, o Seminário de Olinda também formou republicanos e se tornou um centro que abrigou a liderança da revolução pernambucana de 1817, na luta por um Brasil independente e republicano (Saviani, 2007). Assim, a reforma pombalina do ensino superior português inspirou o Iluminismo sertanejo do Seminário de Olinda e a “filosofia das brenhas e

dos sertões”.

### **Escola do Recife**

O período final do Ecletismo Espiritualista, filosofia oficial do Segundo Império, começa a partir de 1870, com o surgimento da Escola de Recife e a ascensão do Positivismo, caminhando para sua posterior e total superação no início da República. Conforme Paim: “A fase final do ecletismo confunde-se com o período de emergência das correntes científicas, a partir do movimento que Sílvio Romero batizou de ‘surto de ideias novas’, iniciado na década de setenta” (Paim, 1985, p. 42).

O movimento chamado Escola do Recife nasce do processo de crítica ao Ecletismo Espiritualista, chamado ‘surto de ideias novas’ dos anos setenta do século XIX. Inicialmente, esse movimento combateu a monarquia, tida como obstáculo ao progresso, utilizando obras de Comte, Darwin, Taine, Renan e outros, para compor uma espécie de “frente” científica. Assim surge o positivismo como corrente filosófica expressiva no Brasil (Cf. Paim, 1985).

Entretanto, a Escola do Recife foi multifacetada e, apesar de sua significativa reflexão na área filosófica, fez incursões no Direito, na história da cultura brasileira, na poesia, na política e muito contribuiu na modernização de instituições, como é o caso do Código Civil. Contudo, “a filosofia é que se constituiu o elemento unificador de ação tão variada e dispersa, precisamente o que faz sobressair a figura de Tobias Barreto” (Paim, 1985, p. 87).

A produção filosófica do grupo da Escola do Recife teve início em 1875, quando Sílvio Romero escreve o texto, até hoje desaparecido, *Deve a Metafísica ser considerada Morta?*. Este texto foi fruto de sua participação num Concurso da Faculdade de Direito, no qual defendeu a morte da Metafísica pelo Positivismo.

Tobias Barreto, Sílvio Romero e outros estabeleceram os alicerces de criação do grupo da Escola de Recife. Sua obra, tal qual a própria Escola, não obedeceu somente a uma única orientação filosófica. Ao contrário, mudou de referencial teórico ao longo de sua trajetória intelectual. Inicialmente se filiou à filosofia monista de Ernest Haeckel, em seguida se opôs ao caráter mecanicista do monismo haeckeliano. Depois, ainda considerando válido alguns desses princípios, aderiu ao neokantismo, pois este não se distinguia do positivismo por atribuir também à filosofia a função de síntese das ciências (Paim, 1985). Por fim, nos últimos anos de sua vida, privilegiou a pesquisa em torno da cultura, que foi uma das ideias significativas no pensamento da Escola, conforme Paim.

Pode-se afirmar, ainda, que Tobias Barreto, na fase final de seu pensamento, buscava um equilíbrio entre o espiritualismo dos ecléticos e a materialidade dos naturalistas, principalmente no que diz respeito à liberdade humana. Para esse filósofo sergipano, a verdadeira característica humana é a capacidade de conceber um fim e conduzir as suas ações na sua realização, mediante a submissão às normas necessárias para tanto.

Já para Sílvio Romero, o conceito de cultura deixa de ser um problema filosófico, pois é inadequada uma contraposição entre natureza e cultura. À antítese posta por Tobias Barreto, propõe uma conciliação entre naturalismo e o espiritualismo, à luz do evolucionismo monístico spenceriano. Da mesma forma, Romero contrapõe ao culturalismo filosófico de Tobias Barreto seu culturalismo sociológico que acreditava ser estruturado segundo pressupostos científicos, e que ao chegar a uma visão totalizante deveria ser aplicado à cultura brasileira (Cf. Paim, 1985).

A Escola do Recife revolucionou a Faculdade de Direito do Recife, promovendo discussões acirradas em torno de disputas filosóficas e jurídicas que iam desde a recusa do ecletismo espiritualista e a recepção do pensamento cientificista até o questionamento da influência filosófica francesa em prol da filosofia alemã. E a Faculdade, por sua vez, foi um celeiro de formação de professores sob a ótica cientificista, revolucionando toda uma formação espiritualista existente anterior à Escola do Recife.

### **Academia Francesa do Ceará**

A **Academia Francesa do Ceará** foi fundada, em 1872, por um grupo liderado por Raimundo Antônio da Rocha Lima, inspirado na Escola do Recife, que conheceu ao viajar para Pernambuco no ano anterior. O grupo da Academia era composto pelos nomes de João Capistrano de Abreu, Tomás Pompeu de Souza Filho, João Lopes Ferreira Filho, Xilderico Araripe de Faria e Araripe Júnior. Clóvis Beviláqua, Joaquim Catunda, Farias Brito e outros também se agregaram a esta associação. Posteriormente, Alcântara Nogueira e João Alfredo Montenegro se tornaram grandes estudiosos e divulgadores desse movimento. Em nível nacional, de diversos Estados, destacam-se os seguintes nomes: Afonso Cláudio (1850-1889); Alcides Bezerra (1891-1938); Graça Aranha (1868-1931); Fausto Cardoso (1864-1906); Artur Orlando (1858- 1916); Estelita Tapajós (1860).

A Academia Francesa, tida como a primeira entidade de cunho filosófico do Ceará, teve um período de curta duração, 1872 a 1875, e uma existência não convencional, sem

formação de diretoria, regulamento ou livro de ata. Da mesma forma, também, não deixou um legado bibliográfico expressivo:

A Academia foi um grupo que, no dizer de Raimundo Girão, ‘utilizava as ideias livres, arremessando-as contra o romantismo acomodado, pondo em espanto e inquietação o tradicionalismo provinciano, que ainda ignorava ou fingia ignorar o tumulto que, do Recife, saía aos quatro ventos, nos mais desenvolvidos raciocínios sobre postulados do comtismo, do criticismo kantiano, do racionalismo de Leibniz, do transformismo de Darwin, do evolucionismo de Spencer’. [...]. As reuniões da Academia eram na casa de Rocha Lima e as discussões versavam sobre os mais palpitantes temas filosóficos da época, desde o comtismo puro, ao racionalismo, da revolução francesa, à Filosofia alemã e sobre a Índia (Sá, 1972, p. 127-128).

O *Jornal Fraternidade*, fundado a 4 de novembro de 1873, e a Escola Popular, criada a 31 de maio de 1874, foram dois grandes desdobramentos das atividades da Academia Francesa do Ceará. O jornal se caracterizava por uma postura nitidamente contrária ao Clero, e de inspiração fortemente maçônica. A escola, por sua vez, era frequentada por “pobres e operários” e também pela sociedade fortalezense em geral. Seus frequentadores recebiam grande influência dos encontros, nos quais aconteciam grandes e agitadas discussões em torno de questões sociais, religiosas, filosóficas, históricas, literárias etc. (Cf. Sá, 1972).

Uma grande matriz de inspiração filosófica dessas discussões foi o cientificismo marcante da chamada fase inicial da Escola do Recife, inspirado no espírito da Revolução Francesa. Wals (1972) defende que:

[...] a influência francesa deixou um traço na cultura e no pensamento nordestino, especificamente no cearense. O resultado do movimento partido do Recife para o Ceará foi uma auto independência no campo da Filosofia. O cearense precisava cultivar o seu interesse pela Filosofia, estudando e glosando as Filosofias europeias (p. 86.).

O próprio nome da Academia já distinguia a cultura francesa como fonte primeira de inspiração, e Rodrigues (1972, p. 48) também ressalta sua importância, afirmando que essa agremiação era “um movimento cheio de ideias e sonhos da juventude” comandada pelo pensamento francês, no qual eram discutidas as ideias vindas de Paris.

Outra instituição importante no ensino da Filosofia no Ceará, nessa época da Academia Francesa, foi o Seminário do Crato, fundado em 1875, que funcionava de modo complementar ao Seminário da Prainha. No entanto, diversamente, em ambos vigorava uma filosofia de cunho aristotélico-tomista e funcionavam os Cursos Preparatório de formação de



padres.

## Conclusão

Oswald de Andrade, ao afirmar em seu *Manifesto antropófago*: “Contra todos os importadores de consciência enlatada”, expressa bem o que perpassa todo o presente texto no seu questionamento da nossa submissão filosófica às matrizes europeias. Da mesma forma, essa passagem do manifesto oswaldiano também já é uma possibilidade real da existência dessa filosofia brasileira.

Há, inegavelmente, uma produção filosófica brasileira que só é negada em seu valor por aqueles que ainda se filiam a um pensamento elitista, para quem filosofia é tão somente interpretar ou comentar os clássicos europeus, utilizando, para isso, o método estrutural de Guérout e Goldschmidt trazido pela USP na década de 1960.

Compreende-se que a Filosofia da Diferença permite uma abertura maior para essa questão, pois nessa filosofia há uma liberdade maior de compreensão do que seja a filosofia e educação. A compreensão de que Filosofia é criação de conceitos, de que se pratica a filosofia instituindo um plano de imanência (Gilles Deleuze e Félix Guattari) que abre espaço para uma liberdade filosófica do filosofar brasileiro, inversamente a uma determinada maneira de fazer filosofia essencialista, metafísica e totalizante.

Nesse sentido, Oswald de Andrade é um filósofo, que, com sua antropofagia, estabelece um exercício de fazer ontológico sobre a realidade brasileira. Da mesma forma, também podemos afirmar a originalidade filosófica de Viveiros de Castro, que tem pensado o perspectivismo ameríndio e as metafísicas canibais em um cruzamento entre filosofia e antropologia.

Também os nossos primeiros movimentos filosóficos e filósofos nordestinos, apesar de suas proximidades com as matrizes europeias, não foram de todo submissos. Azeredo Coutinho, no Seminário de Olinda, representava uma oposição à filosofia aristotélico-tomista dos Jesuítas e a seu essencialismo elitista, daí ter criado uma “filosofia das brenhas e dos sertões”. A Escola do Recife, por sua vez, desafiou o conservadorismo espiritualista do Segundo Império e aderiu ao positivismo republicano, o que acabou desembocando em sua fase final em um Culturalismo que se propunha a pensar as questões brasileiras. A Academia Francesa do Ceará foi um furacão na Fortaleza provinciana e católica e elitista, onde predominava o romantismo literário e cristão. Sua arma foi a adesão ao cientificismo e às

atividades filosóficas junto à população pobre.

Nesse âmbito, a proposta de ensinar filosofia e de pensar o que é educar deve levar em consideração questões tais como: o que é filosofia? O que é o homem? O que é ensinar filosofia? O que é ensinar filosofia no Nordeste brasileiro? E é nesse contexto que a Filosofia Contemporânea, principalmente a Filosofia da Diferença, possibilita pensar a diversidade, sem imposições teóricas de universais essencialistas e sem fundamentos, possibilitando a emergência da riqueza da multiculturalidade, sem uma matriz determinante e que pensa por nós; a liberdade de fazer filosofia que não seja somente os comentários dos clássicos, mas um pensar sobre a própria existência imanente; a efervescência contaminante dos movimentos sociais; a ideia de que educação não deve ser somente formação profissional, formatação intelectual, adesão a uma única e identitária forma de ser ou de gênero, mera conscientização política ou auto empreendedorismo.

Já caminhamos quinhentos anos. Os dados estão lançados. Como continuaremos os lances? A antropofagia oswaldiana está gestada, a “devoração antropofágica” é uma possibilidade plausível, pois na perspectiva de “*Tupi or not tupi that is the question*”, é necessário ser “contra todas as catequeses”. Precisamos da “vacina antropofágica” contra as “inquisições exteriores”, pois brasileiromente e filosoficamente “a alegria é a prova dos nove”. Ao nordeste da Filosofia é possível colocarmos a coruja no mandacaru!

## Referências

MARINHO, Cristiane M. **A Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze na Filosofia da Educação no Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000851942>>.

\_\_\_\_\_. **Filosofia e educação no Brasil: da identidade à diferença**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PAIM, Antônio. **O estudo do pensamento filosófico brasileiro**. 2ª ed. São Paulo; Convívio, 1985.

\_\_\_\_\_. **História das ideias filosóficas no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Convívio; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

RODRIGUES, Padre Antônio Sidra. Origens do Ensino da Filosofia no Ceará. In: **Ensino da Filosofia no Ceará** (Coord. Adísia Sá). Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE. 1972. (Biblioteca de Cultura série B Estudos e Pesquisas).

SÁ, Adísia. O lugar da Filosofia na Escola Média Cearense Contemporânea. In: **Ensino da Filosofia no Ceará** (Coord. Adísia Sá). Imprensa Universitária da Universidade Federal do

Ceará. Fortaleza, CE. 1972. (Biblioteca de Cultura série B Estudos e Pesquisas).

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. – (Coleção memória da educação).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A filosofia contemporânea no Brasil**: conhecimento, política e educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

WALS, Padre Brendan Patrick. A Filosofia no Ensino Superior. In: **Ensino da Filosofia no Ceará** (Coord. Adísia Sá). Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE. 1972. (Biblioteca de Cultura série B Estudos e Pesquisas).